

SUBSIDIADO PELO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (FRANÇA) E PELO GOVERNO CIVIL DO PORTO



índice

- | | |
|--|---|
| <p>1 A «Arqueologia» em 1982
por Vítor O. Jorge, da Faculdade de Letras do Porto e do GEAP</p> <p>3 Instalação dum laboratório de radiocarbono...
por J. M. Peixoto Cabral, do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (Sacavém)</p> <p>5 A gruta chamada Lapa do Suão...
por Jean Roche, do CNRS (França) e da Missão Arqueológica Francesa em Portugal (Pré-história)</p> <p>19 O Paleolítico Superior da região de Les Eyzies...
por João Pedro Ribeiro, do GEAP</p> <p>27 A indústria lítica da gruta do Ourão...
por João P. Ribeiro</p> <p>31 O monumento megalítico de Gavrinis...
por Maria Jesus Sanches, do GEAP</p> <p>35 Estágio num campo arqueológico em França...
por Fernando Augusto Silva, do GEAP</p> <p>40 A propósito de um vaso tronco-cónico...
por Ana Bettencourt, do GEAP</p> <p>44 Identificação de um povoado fortificado...
por Carlos T. da Silva, Joaquina Soares e Fernando Gomes, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal</p> <p>52 O Castro da Fórnea...
por João Ludgero Gonçalves (Lisboa)</p> <p>56 Vasos da estação arqueológica do Cervilho...
por Maria Jesus Sanches</p> <p>62 Esconderijo de Sequeade...
por Teresa Soeiro, da Faculdade de Letras do Porto</p> | <p>67 A estátua-menir feminina...
por António Martinho Baptista, do Parque Nacional da Peneda-Gerês</p> <p>69 Nova e importante ara a Júpiter...
por Carlos Alberto F. de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto</p> <p>71 Achados de origem vegetal...
por A. R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional (Oeiras)</p> <p>76 Estações e monumentos:
O mosteiro do Banho...
por Mário J. Barroca, Francisco A. Lopes † e A. J. Cardoso Morais, do GEAP</p> <p>80 Correspondência:
Carta de Armando Coelho F. da Silva, da Faculdade de Letras do Porto e texto-resposta de Carlos Alberto F. de Almeida</p> <p>84 Museus</p> <p>87 Instituições</p> <p>88 Publicações recentes</p> <p>90 Notícias</p> <p>Extra-texto: fichas de introdução à Arqueologia:</p> <p>Glaciações, por V. O. Jorge</p> <p>Solutrense, por J. P. Ribeiro</p> <p>Véza (Grupo de), por F. A. P. da Silva</p> <p>Miliário, por V. G. Mantas</p> |
|--|---|

arqueologia

publicação semestral
editada pelo
GRUPO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO PORTO (GEAP)
Secretaria de Estado da Cultura
— Delegação Regional do Norte
Rua António Cardoso, 175
4100 PORTO — Portugal

director
VÍTOR OLIVEIRA JORGE

conselho científico:
Jean Roche (Paleo-Mesolítico)
Eduardo da Cunha Serrão (Arq. pré-histórica)
Jorge de Alarcão (Arqueologia clássica)
Carlos Alberto F. de Almeida (Arq. medieval)

comissão redactorial:
Fernando Augusto Silva
Isabel Maria Figueiral
João Pedro Ribeiro
Margarida Moreira
Maria Antónia Silva
Maria da Luz Oliveira
Maria de Jesus Sanches
Mário Jorge Barroca

correspondentes:
António Martinho Baptista (Braga)
Ana M. Bettencourt (Coimbra)

distribuidor em Espanha:
Galiza — Librouro
R. Eduardo Iglésias, 12
VIGO - Espanha

distribuidor no Sul de Portugal:
Vasco Jorge da Cunha Serrão
R. da Academia Recreativa de Santo Amaro, 10 - Cave
1300 Lisboa - Telef. 638962

composição e impressão:
Organização Gráfica Maia Lopes, Lda.
R. de S. Brás, 337 — 4000 Porto
Telef. 492192

preço avulso: 300\$00
assinatura anual (dois números): 435\$00
tiragem: 1500 exemplares

Solicita-se permuta
On prie l'échange
Echange wanted
Tauschverkehr erwünscht
Sollicitiamo intercambio

CAPA: Achados de Sequeade (Barcelos)
(foto M. T. Soeiro)

CONTRA-CAPA: Investigações arqueológicas subaquáticas na Boca do Rio (Algarve)
(foto F. S. Alves)

A «ARQUEOLOGIA» EM 1982

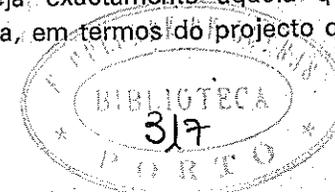
por Vítor Oliveira Jorge

Prosseguindo um caminho cheio de dificuldades — na verdade, praticamente resu-míveis: ao aspecto financeiro — aqui está o n.º 5 de «Arqueologia», que aposta, como sempre, numa convivência de novos auto-res com outros já consagrados, procurando continuar a abrir um espaço cultural onde a qualidade se articule com a acessibilidade, tanto em relação aos colaboradores como ao público a que se destina. Esse propósito implica, desde logo, um esforço tenaz: os investigadores desejam normalmente ver publicados os resultados das suas pesqui-sas, tanto quanto possível de maneira «de-finitiva», e não há em Portugal autênticos divulgadores científicos, «especialistas da generalidade», capazes de produzir bons textos de divulgação, voluntariamente des-pidos de todo um estilo e nomenclatura que, se nuns casos são imprescindíveis, noutros são também um refúgio, canto-ando o autor num «ghetto» sem qualquer incidência na cultura do seu tempo. É nessa cultura que queremos intervir positivamente, sem alardes, mas mostrando, pelos pró-prios resultados do nosso trabalho, que a Arqueologia não é um domínio obscuro, marginal, ou simples «ciência auxiliar», mas uma forma de perspectivar o presente, através dos traços que nele subsistem da actividade humana que nos antecedeu, for-ma actuante de revivificar um espólio cul-tural importantíssimo, pretexto para formu-lar os principais problemas da sociedade e do homem.

Mas não é no domínio da colaboração que temos os reais problemas: embora nem sempre seja exactamente aquela que nos interessaria, em termos do projecto que nos

902(05)

ARQ



VASOS DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO CORVILHO — SANTO TIRSO

por *Maria de Jesus Sanches*

O interesse desta publicação reside unicamente no facto de apresentar de uma forma mais cuidada e mais completa os vasos exumados da estação arqueológica do Corvilho em Santo Tirso (1).

Os mesmos foram já objecto duma publicação por parte do conservador do Museu Municipal de Santo Tirso, Carlos M. F. Santarém (2) e duma sucinta referência por mim feita no n.º 3 desta revista (3).

Foram os seis vasos em estudo, um fragmento cerâmico decorado com «impressões unglicais» (no dizer de Carlos M.F. Santarém), um fragmento de cerâmica romana (da qual o referido só viu a etiqueta), e ainda uma bracelete de bronze maciço de forma circular e decorada com incisões, o espólio dum achado fortuito em 1915 aquando e no local da abertura dos alicerces do Hospital da Misericórdia de Santo Tirso (4).

Não há nenhum dado preciso sobre as estruturas em que assentavam os citados elementos arqueológicos sabendo-se apenas que a tradição popular oral menciona aí a existência de um cemitério muito antigo.

A área de Santo Tirso é, do ponto de vista arqueológico, bastante rica e uma vez que ela já antes foi descrita pelo conservador do Museu citaremos só alguns elementos de maior relevo: a cerca de 2500 m para SÉ do Corvilho, nome pelo qual é mais conhecida a estação arqueológica onde apareceram os vasos, existem duas mamoadas; no Museu existem também, provenientes das proximidades do Corvilho, um machado de talão e duplo anel e ainda três machados de pedra polida, estes últimos da região mas de local indefinido.

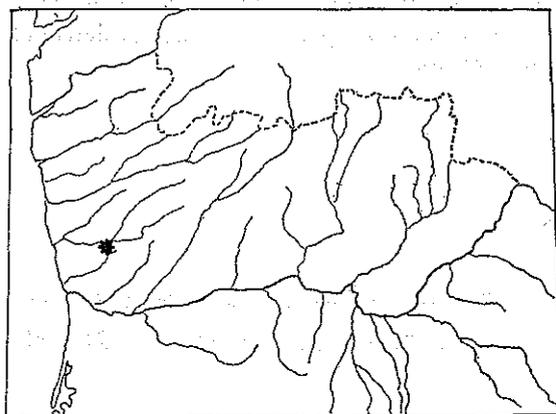


FIG. 1 — Localização da estação.

Descrição dos recipientes cerâmicos.

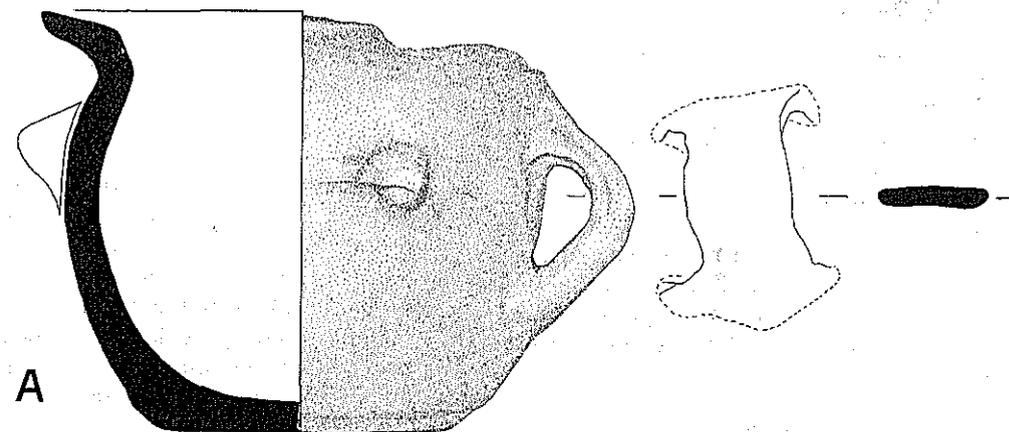
Vaso da fig. 2-A

Dimensões:

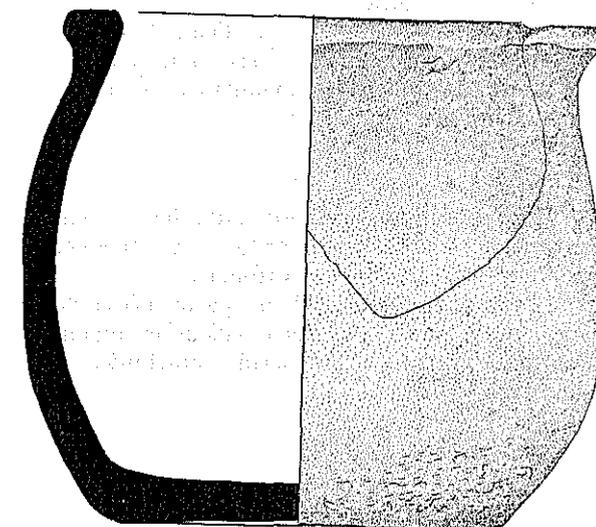
- Altura — 8,2 cm.
- Diâmetro da abertura — 10 cm.
- Diâmetro da pança — 9,5 cm.
- Diâmetro do fundo — 5,5 cm.
- Espessura média das paredes — 0,7 cm.

Asa:

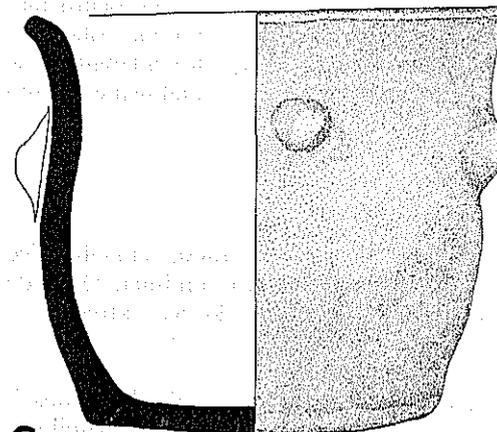
- Altura — 4,1 cm.
- Largura média — 2 cm.
- Espessura média — 0,4 cm.



A



B



C



FIG. 2

Descrição técnica:

Pasta de textura compacta cujo desengordurante é composto por grande percentagem de elementos micáceos muito finos e uma mais pequena percentagem de elementos quartzíticos também muito finos.

Das superfícies, a exterior tem um tratamento mais cuidado mas são ambas unicamente alisadas; paredes e respectivo núcleo são de cor castanho claro. Existem nas paredes duas enormes manchas negras (de cozedura?), visíveis no interior e exterior, e que afectaram também o núcleo nessa zona.

Descrição morfológica:

Recipiente fechado, decorado, de forma sub-elíptica, perfil sinuoso de curva contínua mas com inflexão acentuada na zona da pança e de fundo plano-convexo. O bordo é sub-horizontal (inclinado para o interior) e tem 1,5 cm. de espessura.

Possui uma asa lateral, vertical, de preensão horizontal inserida na pança sobre o bordo e à altura das saliências mamilares. A secção é sub-cilíndrica.

Fabrico manual.

Estado de conservação: falta-lhe aproximadamente metade do bordo e as paredes exteriores estão bastante corroídas.

Decoração: possui, sob na parte média da pança, uma fiada de cinco saliências mamilares sub-circulares, de perfil sub-elíptico e salientes.

Vaso da fig. 2-B

Dimensões:

Altura — 9,8 cm.

Diâmetro da abertura — 10,2 cm.

Diâmetro máximo — 11,2 cm.

Diâmetro de fundo — 7,5 cm.

Espessura média das paredes — 0,7 cm.

Descrição técnica:

Pasta muito grosseira, de textura compacta e de desengordurante essencialmente constituído por grãos de quartzo de médio e grosso calibre. O quantitativo dos de mica é mínimo.

As superfícies, rugosas e agora corroídas, têm cor castanho claro e o núcleo é da mesma cor. Há vestígios de a superfície exterior ter

sido revestida dum fina camada de barro que lhe dá uma cor avermelhada nas partes não corroídas.

Descrição morfológica:

Recipiente liso, de forma sub-elíptica e de perfil levemente sinuoso. O bordo, horizontal, tem 0,9 cm de espessura e o fundo é plano-côncavo. Possui um leve estrangulamento sob o bordo que inflecte no sentido da «pança».

Teria sido provido lateralmente dum «pega» ou talvez asa pois os negativos do arranque não são muito nítidos.

Fabrico manual.

Estado de conservação: falta-lhe a «pega» ou asa e parte do bordo. No corpo está fragmentado e as paredes estão corroídas.

Vaso da fig. 2-C

Dimensões:

Altura — 8,2 cm.

Diâmetro da abertura — 9,3 cm.

Diâmetro do fundo — 6,5 cm.

Espessura média — 0,5 cm.

Descrição técnica:

A pasta é de textura compacta e o seu desengordurante essencialmente de grãos de quartzo de médio e grosso calibre ocorrendo os elementos micáceos, muito finos, em fraca percentagem.

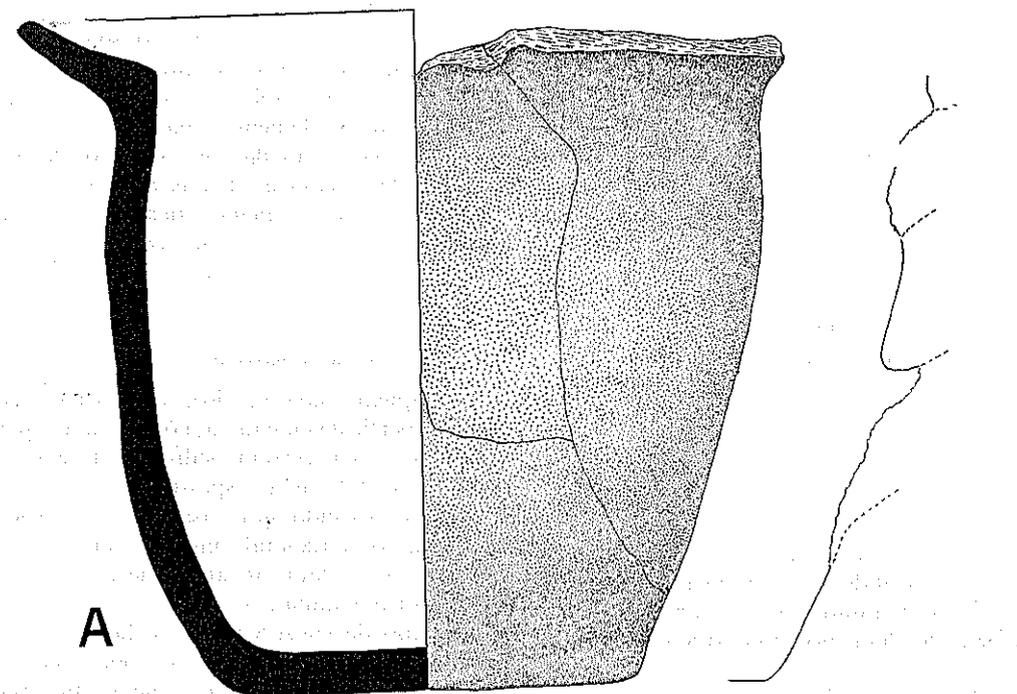
As paredes são de cor castanho escuro mas de núcleo negro. Parte da exterior está enegrecida e têm matéria inorgânica aderente. São unicamente alisadas mas actualmente muito corroídas.

Descrição morfológica:

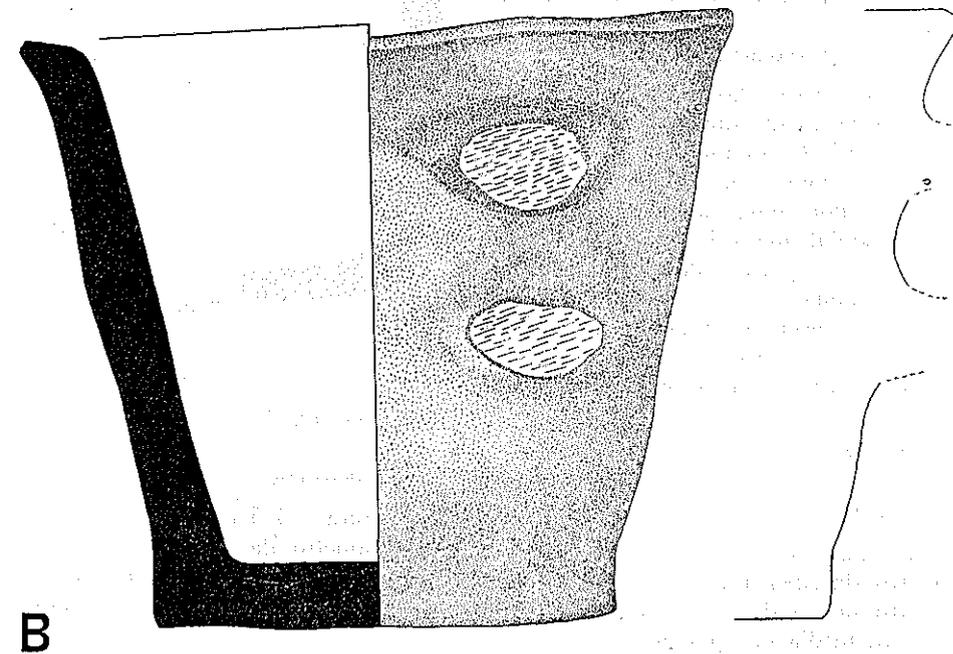
Recipiente aberto, decorado, sub-cilíndrico e de perfil sinuoso de curva contínua. O bordo é extrovertido e arredondado na extremidade e o fundo plano-convexo.

Fabrico manual.

Estado de conservação: falta-lhe aproximadamente 1/3 do corpo, um dos mamilos e as paredes apresentam-se bastante corroídas tanto exterior como interiormente.



A



B

0 5 CM

FIG. 3

Decoração: Possui, a aproximadamente 1,5 cm do bordo, uma fiada de mamilos dos quais só restam quatro. São sub-circulares, pouco salientes e de extremidade arredondada.

Vaso da fig. 3-A

Dimensões:

Altura — 10,9 cm.

Diâmetro da abertura — 12,2 cm.

Diâmetro do fundo — 6,5 cm.

Espessura média das paredes — 0,7 cm.

Asa:

Altura máxima provável — 7,5 cm.

Descrição técnica:

Pasta de textura compacta cujo desengordurante é constituído essencialmente por elementos micáceos muito finos e por uma fraca percentagem de elementos quartzíticos de médio calibre.

As superfícies, polidas, são de cor castanho claro avermelhado e o núcleo é também da mesma cor. Possui no interior uma e no exterior duas manchas negras resultantes de matéria inorgânica que aderiu às paredes nessas zonas.

Descrição morfológica:

Recipiente aberto, liso, de forma tronco-cônica, perfil levemente sinuoso e fundo plano-convexo. O bordo é sub-horizontal largo (inclinado para o interior) e tem 2,1 cm de largura.

Teria possuído uma lateral, vertical, de prensão horizontal que teria início sob o bordo onde se veem os negativos dos arranques.

Fabrico manual.

Estado de conservação: faltam-lhe aproximadamente 2/3 do bordo e a asa; o corpo é atravessado por várias linhas de fractura.

Vaso da fig. 3-B

Dimensões:

Altura — 9,5 cm.

Diâmetro da abertura — 11,2 cm.

Diâmetro do fundo — 7,3 cm.

Espessura média das paredes — 1 cm.

Asa:

Altura provável — 4 cm.

Descrição técnica:

Desengordurante constituído por uma grande percentagem de elementos quartzíticos de pequeno e médio calibre e uma mais pequena percentagem de elementos micáceos finos.

As paredes são de cor castanho claro mas com grandes manchas enegrecidas no interior e exterior. A essas manchas aderiu matéria inorgânica. O núcleo é castanho claro, avermelhado de barro, e as superfícies são unicamente alisadas.

Descrição morfológica:

Recipiente aberto, liso, de forma tronco-cônica, perfil levemente sinuoso e fundo plano. O bordo é extrovertido, sub-horizontal e varia entre 0,7 e 0,9 cm de espessura.

Teria possuído uma asa lateral, vertical e de prensão horizontal, inserta sob o bordo e da qual só restam os arranques.

Fabrico manual.

Estado de conservação: só lhe falta a asa. Várias fracturas estendem-se do bordo ao corpo do vaso e as superfícies estão um pouco corroídas.

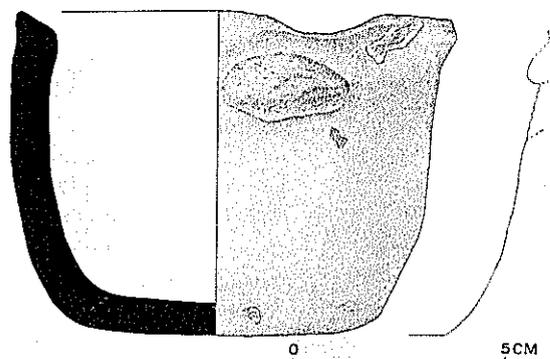


FIG. 3

Vaso da fig. 4

Dimensões:

Altura — 7,5 cm.

Diâmetro da abertura — 10,2 cm.

Diâmetro do fundo — 6 cm.

Espessura média das paredes — 0,9 cm.

Descrição técnica:

Pasta de textura friável, de desengordurante essencialmente constituído por grãos de

quartzo de médio e grosso calibre e uma menor percentagem de finos elementos micáceos.

As superfícies, muito rugosas, e só toscamente alisadas, são de cor castanho claro e de núcleo negro.

Descrição morfológica:

Recipiente liso, de forma sub-cilíndrica e fundo plano-convexo. O bordo, é irregular pois varia entre o sub-horizontal (inclinado para o interior) e o arredondado.

Teria possuído, sob o bordo, uma pega da qual se vê o negativo do arranque.

Fabrico manual.

Estado de conservação: falta-lhe a pega, parte do bordo e as superfícies estão extremamente corroídas.

Algumas conclusões

Como já foi referido atrás estes vasos foram por mim inseridos num trabalho publicado no n.º 3 desta revista.

Aí e com base num grande número de atributos comuns, apareceram inseridos num vasto grupo de cerâmicas pré-históricas de NW peninsular. Trata-se de vasos de fabrico manual,

cujas formas se situam entre o tronco-cônico e o sub-cilíndrico ou sub-elíptico, de fundo plano e que possuem, em muitos casos, uma asa lateral. No caso de serem providos de decoração ela constará de mamilos isolados ou em organizações variadas.

É nossa opinião que vasos com esta morfologia genérica, já presentes em monumentos megalíticos⁽⁵⁾, (cuja cronologia se poderá pelo menos num caso, o da mamoa 1 de Outeiro de Gregos-Baião,⁽⁶⁾ alargar já para a I. do Bronze), teria tido uma larga preduração cronológica que se estenderia até ao Bronze Final⁽⁷⁾.

A sua preduração, unicamente com pequenas transformações morfológicas ou mesmo inovações poderá corresponder tanto a uma diversidade cultural dos diferentes grupos que fizeram o percurso da I do Bronze no NW da Península Ibérica como à funcionalidade dos próprios vasos.

Não nos referimos à bracelete pois ela não entra, de momento, no âmbito deste estudo. Adiantamos no entanto que a cronologia que lhe é proposta por C.M.F. Santarém (Bronze Atlântico Europeu) não invalida, antes confirma as considerações acima⁽⁸⁾.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

(1) Agradece-se a Carlos M. F. Santarém, conservador do Museu de Santo Tirso, e a Teresa Soeiro as facilidades concedidas no estudo dos vasos.

(2) Santarém, Carlos M. Faya, *Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa*, «Concelho de Santo Tirso, Boletim Cultural», vol. IV, n.º 2, 1956.

(3) Sanches, Maria de Jesus, *Recipientes cerâmicos da Pré-história recente do Norte de Portugal*, «Arqueologia», n.º 3, G.E.A.P., Porto, 1981.

(4) Op. cit. nota 2.

(5) Estão presentes em vários monumentos megalíticos da Beira Alta e noutros mais a N do país, dos quais dou conta no artigo referido na nota 3.

(6) Jorge, Vítor Oliveira, *Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião*, «Portugália», nova série, vol. I, Inst. de Arqueologia da F.L.U.P., Poito, 1980.

(7) Um vaso deste tipo está presente numa das sepulturas da necrópole do Tapado da Caldeira (Baião), necrópole que no conjunto do seu espólio funerário se insere no Bronze Final. Jorge, Susana Oliveira, *A Estação Arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião*, «Portugália», nova série, vol. I, Inst. de Arqueologia da F.L.U.P., Porto, 1980.

(8) Op. cit. nota 2.